

FESTIVIDADES À PADROEIRA CONCEIÇÃO: O SAGRADO E O PROFANO EM UMA FESTA DO INTERIOR

Ana Flávia Dantas Figueiredo
Gislaine Hosana Araújo Fernandes¹

Resumo:

O artigo versa sobre os significados que os sujeitos atribuem à festa de Nossa Senhora da Conceição realizada, na cidade de Taperoá-PB. O debate se dá na relação entre esses acontecimentos festivos e a vida social e individual, onde nos utilizamos da história cultural para a compreensão dos símbolos, emblemas e signos que a idéia da festa acarreta. A interpretação dos significados vem nos mostrar uma série de discursos e de rituais, onde os mesmos terminam por servir de catarse para os problemas dos participantes, sejam eles de ordem material ou existencial terminam de uma forma ou de outra, utilizando esse evento como uma forma de burlar seu cotidiano, e, assim reescrever seus imaginários de uma forma mais fantasiosa. Os festejos representam à realização cultural, característica de uma religiosidade singular que renova - se a cada ano. Ligada à realidade social, nesses festejos tornam - se explícitos seus conflitos e contradições. E em nosso estudo o resultado mais tangível foi à percepção, e a reiteração que os festejos são espetáculos que fala, representa, reafirma, transgride e ainda reinventa essa realidade, constituindo-se como símbolo representativo do patrimônio cultural dessa cidade.

Palavras chave:

Festa, religiosidade, patrimônio cultural

Introdução

O artigo versa sobre os significados que os sujeitos atribuem à festa de Nossa Senhora da Conceição realizada, na cidade de Taperoá-PB. O debate se dá na relação entre esses acontecimentos festivos e a vida social e individual, onde nos utilizamos da história cultural para a compreensão dos símbolos, emblemas e signos que a idéia da festa acarreta.

A interpretação dos significados vem nos mostrar uma série de discursos e de rituais, onde os mesmos terminam por servir de catarse para os problemas dos participantes, sejam eles de ordem material ou existencial terminam de uma forma ou de outra, utilizando esse evento como uma forma de burlar seu cotidiano, e, assim reescrever seus imaginários de uma forma mais fantasiosa. Os festejos representam à realização cultural, característica de uma religiosidade singular que renova -

¹ Curso de História, UFCG. Curso de História, UFCG.

se a cada ano. Ligada à realidade social, nesses festejos tornam - se explícitos seus conflitos e contradições. E em nosso estudo o resultado mais tangível foi à percepção, e a reiteração que os festejos são espetáculos que fala, representa, reafirma, transgride e ainda reinventa essa realidade, constituindo-se como símbolo representativo do patrimônio cultural dessa cidade.

Este artigo propõe uma incursão específica ao mundo dos festejos religiosos. Não pretendemos analisar os festejos como um todo, mas em específico o que os mesmos representam na vida social e individual da população taperoaenses.

Metodologia

Em nossa metodologia nos utilizamos de conceitos e noções propostos pela História Cultural, conceitos estes que são de extrema valia para o nosso trabalho, máxime ser ainda um objeto pouco abordado por nosso curso, pois a grande maioria dos estudos, que privilegiam a festa como objeto de estudo, encontra-se na área das Ciências Sociais, sendo que a produção historiográfica sobre o tema ainda é relativamente escassa. O interesse por parte dos etnólogos do século XIX pelo campo simbólico, pelas práticas culturais, rituais e/ou festivas das sociedades - inicialmente, as chamadas ‘primitivas’ e posteriormente, as ‘complexas’ - influenciou decisivamente sucessivas gerações de historiadores que, a partir do período entre - guerras, com a Escola dos Anales e as propostas da Nova História, redefiniram o domínio específico de sua disciplina, alargando-o através do diálogo com diferentes áreas do conhecimento, que igualmente repensavam seus pressupostos teórico-metodológicos. ¹

Colocando-se a noção de representação como centro da discussão no âmbito de uma história cultural ”levada a repensar completamente a relação tradicionalmente postulada entre social, identificado como um real bem real, existindo por si próprio, e as representações, supostas como refletindo-o ou dele se desviando”(Chartier 1990:27), as manifestações culturais das sociedades começam a ser encaradas com maior rigor pelos pesquisadores. A partir desse reconhecimento, a festa deixa seu lugar de ‘adereço’ aos fenômenos relevantes para a pesquisa científica, merecendo a atenção dos historiadores até então preocupados “mais com os trabalhos e esforços dos homens do que com os seus divertimentos ou, como se queria com suas diversões” (Ozouf 1988:216-217)

Longe de ser considerado um objeto de fácil abordagem, a festa apresenta-se em toda sua complexibilidade, despertando acaloradas discussões em relação aos seus possíveis significados, ao

tempo de sua realização e às implicações para com os diversos agentes que dela participam, seja como atores, espectadores ou organizadores/produtores.

Resultados e discussão

E em nosso estudo o resultado mais tangível foi à percepção, e a reiteração que os festejos são espetáculos que fala, representa, reafirma, transgride e ainda reinventa essa realidade, constituindo-se como símbolo representativo do patrimônio cultural dessa cidade do tempo festivo como tempo extraordinário, irredutivelmente separado da rotina da vida cotidiana, tempo do trabalho.

Fenômeno extratemporal e transcultural, a festa constituir-se-ia em uma experiência coletiva, colocando o homem “face a um mundo sem estrutura e sem código, o mundo da natureza onde tem exercício apenas as forças do ‘Eu’, os grandes estímulos da subversão.”(Duvignaud 1993:68). Durante sua realização, a fusão das consciências e das afetividades substituiria todos os códigos e todas as estruturas, seria mesmo o momento de destruição das representações e normas existentes no tempo profano. Analisando as manifestações da cultura medieval européia, Mikhail Bakhtin defendeu exaustivamente a relação da festa com os “fins superiores da existência humana, a ressurreição e a renovação”, não se podendo considerar e explicar as festividades (qualquer que seja o tipo) como fruto de necessidades biológicas ou fisiológicas de descanso periódico, nem tampouco como produto das condições e finalidades praticas do trabalho – elas transcenderiam a vida cotidiana habitual.

Durkheim sinaliza para os fortes laços entre religião e festas, ou, se preferirmos os seus termos, as estreitas ligações entre ritos representativos e as reações coletivas. Mas, assinala a dificuldade de distinguir, com precisão, os limites entre os ritos religiosos e os recreativos, de modo que, segundo ele: “a idéia de cerimônia religiosa de alguma importância desperta, naturalmente a idéia de festa. Inversamente, toda festa, quando, por suas origens, é puramente leiga, apresenta determinadas características de cerimônia religiosa, pois, em todos os casos, tem efeito aproximar os indivíduos, colocar em movimento as massas e suscitar assim um estado de efervescência, às vezes até de delírio, que não deixa de ser parentesco com estado religioso”.(Durkheim 1989:456) Mas em contrapartida Jean Duvignaud, em seu livro *Festas e Civilizações* (1983), difere do curso trilhado por Durkheim, pois ele destaca que as festas ocupam um lugar central no curso da vida social, pois nesses momentos, estas se manifestam com todos os seus contornos e peculiaridades.

Ainda, segundo Duvignaud, a compreensão da festa tem sido prejudicada pela idéia de funcionalidade, ficando toda a sua dinâmica reduzida à lógica da utilidade. Nesta perspectiva, ela opera como uma válvula de escape, onde os excessos ao contrário do que acontece no cotidiano são a regra principal. Assim nos momentos de festa, há uma ruptura com o cotidiano, dando-se vazão aos excessos e funcionando como escape. O elemento catártico pode até existir, mas os participantes-atores e espectadores-, conhecem perfeitamente as regras do jogo.

Diante dessa dimensão do sagrado versus profano temos os festejos religiosos tal como as quermesses, festas de padroeiros (as), Natal e outras demais festividades que terminam por ser uma mescla do sagrado e do profano, do erudito e do popular, com os pastoris (os famosos cordões azul e encarnado), as filarmônicas, leilões de animais e outros brindes a serem arrematados para conversão em dividendos para a paróquia. Onde tem na festa de seu patrono a maior oportunidade pra angariar algum recurso, para o restauro do templo, uma outra construção ou até uma melhoria na casa paroquial.

A festa religiosa a tratar neste artigo, diz respeito aos festejos a Nossa Senhora da Conceição, padroeira da cidade de Taperoá, que fica localizada no cariri paraibano a 230 quilômetros da capital João Pessoa, que acontece entre o fim do mês de novembro até o dia 8(oito) do mês de dezembro todos os anos, desde a criação da paróquia no ano de 1904. Os festejos a Nossa Senhora da Conceição na cidade de Taperoá segundo algumas pesquisas realizadas, acontecem desde o século XIX, quando ainda era vila, por volta de 1873 o governo enviou uma verba para que fosse construída uma capela, onde os fies pudessem realizar as suas orações a Nossa Senhora da Conceição.

Ao longo dos anos a festa de Nossa Senhora da Conceição em Taperoá é reorganizada pelos indivíduos que a freqüenta, com o tempo temos uma maior inserção de sujeitos que até então eram deixados à margem, a deriva de muitos dos momentos que elencavam os festejos da Cidade. Nesse diapasão, percebemos como o passar do tempo reconstrói as práticas e os sujeitos, como as alteridades vão sendo construídas, e porque não dizer: desconstruídas. Temos a construção da identidade do pobre, do romeiro que apenas poderia fazer parte da procissão, indo caminhando, rezando e cantando. Segurando o andor, e até mesmo como fiel que anseia por milagres, e por um pouco de alegria que para ele era fazer a principal rota da cidade, percorrendo suas ruas principais, e dessa forma fazendo parte dos festejos.

Como bem analisa Calhoun não temos conhecimento de um povo que não tenha nomes, idiomas ou culturas em que os distigua entre o eu e o outro, nós e eles, onde não seja estabelecido o

autoconhecimento, que se coaduna com a construção da necessidade de ser conhecido em suas especificidades pelos outros. Dessa forma podemos inferir como as identidades são construídas a partir de necessidades de auto afirmação, de auto conhecimento dentro do grupo ao qual pertence. Assim, colocando nosso objeto de estudo que é a festa de nossa senhora da Conceição e o significado que os sujeitos lhe atribuem, percebemos como os mesmos vão atribuindo diferentes valores aos festejos, onde uns vêem o lado sacro, e onde uns vêem o lado profano, mas percebemos que todos querem participar e atribuir suas vivências na mesma, de tal forma que a festa tome gradativamente, ares de um grande palco onde os papéis que cada um exerce no corpo social começam a influenciar e moldar os contornos da festa. A festa terminava por modificar o cotidiano da cidade, e por isso era uma verdadeira comoção, pois desviava a atenção dos problemas, das querelas que se arrastavam por todo o ano. Era um período de graça, onde a festa representava a necessidade que os indivíduos tinham em modificar o seu ambiente, de forma tal a poder vivenciar a novidade, que se traduzia com a chegada da festa, que seria a diferença dos dias comuns.

A religiosidade, sobretudo, a nordestina onde a cidade de Taperoá faz parte é exaltada pelas cantigas, novenas, e demais rezas de homens e mulheres que fazem seus papeis desses hinos, as vozes graves e as agudas cantando a virtude de Maria, e a dos demais santos. Um ponto que distingue esses festejos dos demais produzidos na região Nordeste diz respeito à questão dos romeiros, estes participam da procissão, mas não se penitencia, a sua penitencia é revertida em doações à santa (velas, dinheiro, flores, etc.), o que ainda se mantém é a tradição de ir à procissão de pés descalços, ou ainda vestidos (as) como Nossa Senhora ou de anjo. No meio da escrita do trabalho nos deparamos com vários depoimentos de habitantes da cidade, que rememoraram alguns desses sujeitos, e suas práticas. Em alguns depoimentos tomados vimos que muitos dos populares que viviam na zona rural esperavam e se preparavam o ano inteiro para esses festejos, desde a sua roupa nova até a vinda para participar do pavilhão e da procissão.

A festa se concretiza no último dia dos festejos com uma missa solene e a procissão, e é na procissão que verificamos que populares e elite só se unem no que diz respeito à fé em torno de Nossa Senhora da Conceição. O passeio das famílias taperoaenses é reorganizado de forma a aproveitar as nove noites de festa na cidade, onde as seis primeiras noites são os novenários com as famílias indo para a igreja, e nas três últimas noites indo aproveitar os leilões, as comidas, as bebidas, os festejos em si. E dessa forma as idéias construídas a cerca desses festejos são apreendidas por meio da circulação de práticas, de palavras que se designam situadas nos seus enraizamentos sociais, pensadas na sua carga afetiva, emocional e intelectual, terminando por se

tornar, tal como os mitos, uma força coletivamente organizada.

Considerações Finais

Nesse ambiente encontramos as práticas articuladas, as políticas, sociais em que se articulam no discurso que é proposto pela festa, que se apropria da necessidade de modificação, de inversão do cotidiano para que possa ser implementado, algo artificialmente construído, onde apesar de ensejar uma modificação, pois muda a rotina dos sujeitos, os mesmos continuam em seus lugares: o que modifica é o contexto.

Segundo Chartier (1990:26) “[...] a apropriação entendida como o momento do trabalho de refiguração da experiência fenomenológica, postulada pelo universal, a partir de configurações textuais particulares”. É a necessária compreensão de que ao voltarmos nossos olhares para esse festejo possamos compreender como pinçamos determinadas práticas, que no decorrer de seu transcurso termina por se apropriar de emblemas e sinais que passa a dar sentido a toda uma comemoração. Não é apenas a comemoração ao fenômeno que é a festa de Nossa Senhora da Conceição, mas a toda uma necessidade que os indivíduos têm em se sentir presente dentro da vida cidadina, dentro de suas convenções religiosas.

Ao longo do trabalho compreendemos que os festejos a Nossa Senhora da Conceição representam para o povo de Taperoá uma de suas máximas realizações culturais, que é caracterizada por uma religiosidade singular, religiosidade esta que se renova e se reinventa a cada ano. Paralelas a essa reinvenção têm-se as modificações da realidade social, e de como seus atores interagem com seus festejos, tornando assim explícitos suas percepções conflituosas e contraditórias a cerca do social que permeia as relações humanas onde unem ricos e pobres diante do sacro e do profano.

Nesse contexto de reinvenções a festa continua se recriando a medida que seus atores sociais também se modificam, e se relacionam em torno de símbolos, mitos, e emblemas que remetem a uma cultura popular. Os festejos como uma idéia de patrimônio imaterial da cidade já está consolidado, e faz parte do calendário anual de festejos esse espetáculo em torno de Nossa Senhora da Conceição fala, representa, reafirma, transgride e ainda reinventa essa realidade, constituindo-se como símbolo do ideário cultural de Taperoá.

Referências

- BAKHTIN**, Mikhail. A cultura popular na idade média e no renascimento: o contexto de François Rabelais, São Paulo/Brasília. HUCITEC/Ed. UNB. 1993.
- BURKE**, Peter. A Escola dos Anales – 1929 -1989: A Revolução Francesa da Historiografia, São Paulo, Editora UNESP. 1992.
- CERTEAU**, Michel de. A escrita da História, Rio de Janeiro, Forense Universitária. 1995.
- CHARTIER**, Roger. A História: Entre práticas e representações. São Paulo: DIFEL, 1990.
- _____ Cultura Popular: Revisitando o Conceito Historiográfico, Rio de Janeiro, Editora FGV. 1995.
- DOSSE**, François. A História em Migalhas, São Paulo, Ensaio. 1994.
- DURKHEIM**, Emile. As formas elementares da vida religiosa. São Paulo, Edições Paulinas. 1982.
- DUVGNAUD**, Jean. Festas e Civilizações, Fortaleza, Editora UFCE. 1983.
- OZOUF**, Mona. A festa: Sob a Revolução Francesa, IN: História: Novos objetos, Rio de Janeiro, Livraria Francisco Alves. 1988.
- VEYNE**, Paul. Como se escreve a História, Brasília, Ed. UNB. 1992.